

Porque, na verdade, o período de 1830 a 1850 foi o grande momento da imprensa brasileira. Fraca em técnica, artesanal na produção, com distribuição restrita e emprestada, praticamente inexistente uma vez que inespecífica, encontrou, entretanto, na realidade política a fonte de que se valeu para exercer sobre essa realidade, por sua vez, influência extraordinária, consideradas as condições da época. Foi, praticamente, a infância da imprensa brasileira; talvez a sua turbulenta adolescência, quando muito, se considerarmos infância a curta fase em que batalhou pela liberdade conjugada à Independência do país. Naquela curta fase, entretanto, sua influência foi muito mais restrita do que depois, quando do avanço liberal que levaria ao Sete de Abril e das lutas contra o *regresso* conservador. Nesse sentido é que a incompreensão em relação ao pasquim aparece como estranha e inaceitável.

Ele foi, realmente, representação extraordinariamente rica do ambiente brasileiro, em sua inequívoca autenticidade. Tomado no conjunto de suas características — a virulência de linguagem não foi senão uma dessas características — revela as peculiaridades nacionais e conserva o conteúdo democrático que constitui o seu traço mais admirável. Sua forma plebéia desperta, naturalmente, aversão à inteligência de timbre aristocrático que o julga e condena. A referida forma traduz, entretanto, com exemplar fidelidade, o que a época tinha de melhor, de mais expressivo, de mais genuíno, de mais popular, de mais democrático. Corresponde, por outro lado, ao período artesanal, em que era possível alguém fazer um jornal sozinho. Encerrada essa fase, o jornal passará a ser empresa — pequena empresa, de início, para chegar às proporções de grande empresa, como se apresenta em nossos dias. As inovações técnicas que se esboçam no fim da primeira metade do século XIX e definem-se na segunda metade encerram as possibilidades da imprensa artesanal que, a partir de então, e até hoje, refugia-se no interior, nos pequenos jornais das pequenas cidades onde, entretanto, inexistem as condições políticas que salvaram os precursores de se tornarem inócuos. O papel do pasquim na história da imprensa brasileira foi, assim, muito ao contrário do que tem sido indicado, de inequívoca e fundamental importância.